

A ETNOBOTÂNICA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO. MATO GROSSO, BRASIL

Maria Corette Pasa¹
Margô De David¹
Gabriela De Ávila Fiebig²
Taina Maiza Bilinski Nardez³
Edi Liane Maziero³

RESUMO: O estudo foi realizado na comunidade quilombola Mata Cavalo de Baixo, no município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, com o objetivo de resgatar o conhecimento etnobotânico local. Aplicou-se o pré-teste, entrevistas semiestruturadas e observação direta, abordando o uso, a preparação da planta e a indicação das mesmas. A coleta dos dados ocorreu de maio a julho de 2015. O material botânico encontra-se no Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A maioria dos entrevistados não possui escolaridade e a faixa etária variou de 39 a 110 anos de idade. Os entrevistados citaram 127 espécies, distribuídas em 60 famílias botânicas, sendo Fabaceae (22%), Lamiaceae (17%), Asteraceae, Euphorbiaceae, Malvaceae e Myrtaceae com 11% cada uma, as mais expressivas. A maioria das espécies apresenta hábito arbóreo, seguido de herbáceo e arbustivo. A folha é a parte mais utilizada e o principal modo de preparo é o chá. A população demonstrou ter conhecimento e fazer uso das plantas locais e revelou um largo consumo na categoria de uso medicinal. O cuidado com a biodiversidade vegetal e o processo de conservação ficou evidente na fala e no manejo que as pessoas dispõem nas atividades do cotidiano local.

Palavras-chave: Saber tradicional, Fitoterapia, Cerrado.

THE ETHNOBOTANY THE COMMUNITY QUILOMBOLA OF NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO. MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT: The study was conducted in the community Mata Cavalo de Baixo in the municipality of Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, in order to rescuing local ethnobotanical knowledge. It used the pretest, semi-structured interviews and direct observation, addressing the use, preparation plant and the indication of the same. Data collection took place from May to July 2015. The plant material is in the Central Herbarium of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). Most respondents do not have schooling and the age ranged from 39 to 110 years old. Respondents cited 127 species belonging to 60 botanical families, being Fabaceae (22%), Lamiaceae (17%), Asteraceae, Euphorbiaceae, Malvaceae and Myrtaceae with 11% each, the most significant. Most species presents arboreal habit, followed by herbaceous and shrub. The leaf is the most used part and the main method of preparation is the tea. The population has demonstrated knowledge and make use of local plants and revealed a large consumption of medicinal use category. Care for plant biodiversity and the conservation process was evident in the speech and in managing people dispense the activities of the local daily.

Keywords: Traditional knowledge, Herbal medicine, Cerrado.

¹Dr^a. e Msc. do PPG em Ciências Florestais e Ambientais. UFMT. pasamc@brturbo.com.br; margodedavi@hotmail.com

²Mestrando do PPG em Ciências Florestais e Ambientais. UFMT. gabriela.afiebieg@hotmail.com

³Especialistas do Grupo de Pesquisa ESCER/CNPq/UFMT. tainamaiza@hotmail.com; edi.liane@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Cerrado é uma formação tropical constituída por vegetação rasteira, arbustiva e árvores, e coexiste com gramíneas sobre um solo ácido com relevo ondulado suavemente e grande malha hídrica. Embora o termo Cerrado seja internacionalmente considerado com uma savana, ele também pode aceitar dois conceitos: o primeiro baseia-se em sua composição fitofisionômica e o segundo indica um grande tipo de ecossistema com uma vegetação particular. O Cerrado não é um bioma único, mas um conjunto de biomas resultando em um mosaico de comunidades ecologicamente interligadas, desde campo limpo a cerradão (COUTINHO, 2006).

Na comunidade local não existe uma unidade de paisagem definida ou contornada, que abrigue espécies de uma única categoria de uso, como alimentar, medicinal, ornamental, etc. As plantas estão distribuídas no ambiente natural, na forma de consórcio, ou seja, em estratificação de gramíneas até arbóreas, representando os indivíduos remanescentes dos diferentes perfis fitogeográficos do cerrado local.

Os tipos de vegetação que ocorrem na comunidade estão representados pelas diferentes fisionomias do cerrado *sensu lato* (campo limpo, campo sujo, campo cerrado, cerradão), floresta estacional, as florestas ripárias (matas ripárias), as florestas estacionais decíduais e semi-decíduais (CUNHA, 1999).

Este trabalho tem por objetivo apreender a importância ambiental, cultural e social dos fenômenos locais, através das informações a respeito da etnobotânica local e dos conhecimentos empíricos sobre a natureza, que é expressa pelo cotidiano dos moradores da comunidade tradicional local.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

Este estudo foi realizado no município de Nossa Senhora do Livramento, situado a 221 metros de altitude com as coordenadas geográficas latitude 15° 46' 9" sul e longitude 56° 21' 6" oeste e localizado a 50 km de Cuiabá, na Comunidade do Quilombo Mata Cavalo de Baixo estabelecida às margens da BR-MT 060 no estado de Mato Grosso (Figura 1).

A comunidade quilombola Mata Cavalo é composta por 174 famílias habitadas em um espaço geográfico em cerca de 14.622 hectares dividido e organizado em seis associações, quais sejam: Aguaçu de Cima, Mata Cavalo de Cima, Ponte da Estiva (fazenda Ourinhos), Ventura Capim Verde (ou Mata Cavalo do Meio), Mutuca e Mata Cavalo de Baixo. Essas seis associações formam o complexo Quilombo Boa Vida Mata-Cavalo (FIOCRUZ & FASE, 2009). A economia é fundamentalmente baseada na pequena agricultura de subsistência e pesca para consumo familiar. As pessoas da comunidade contam as histórias de vidas passadas destacando que o lugar foi referência de negros escravos no local, nos períodos que ocorreu o processo da escravidão.

O Município de Nossa Senhora do Livramento apresenta um clima quente e sub-úmido com cinco meses secos, que vai de maio a setembro, podendo atingir temperaturas superiores a 40 °C. A média térmica anual fica em torno de 24 °C. O clima é tropical quente com nítida estação seca e com temperaturas entre 20° e 30 °C, tendo em média 24 °C. No tocante a pluviosidade a média é de 1.750mm, nos meses de dezembro a fevereiro. Os solos são formados pelo processo de latossolização nas matas com bom teor de matéria orgânica, coloração vermelha escura e textura argilo-arenoso, boa capacidade de retenção de água,

areação e drenagem. A vegetação predominante é o cerrado, com terreno plano e a vegetação com árvores baixas e retorcidas e o solo coberto por gramíneas. O município apresenta um início da vegetação pantaneira e extensas áreas desmatadas. O relevo do município de Nossa Senhora do Livramento pode ser dividido em: depressão do Rio Paraguai, calha do Rio Cuiabá. Participa do Pantanal Mato-grossense e Serra das Araras. O município faz limite ao norte: Várzea Grande, Jangada e Rosário Oeste, ao sul: Barão de Melgaço e Poconé, ao leste: Santo Antônio do Leverger e a oeste: Porto Estrela e Cáceres. (MMA, 2011).

Na comunidade local está localizada a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda que oferece os níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola possui 30 professores com formação acadêmica em diferentes áreas, 15 técnicos e um número de 435 alunos.



Figura 1. Área de estudo. Nossa Senhora do Livramento. MT. Fonte: Google Maps. 2015.

METODOLOGIA

O levantamento dos dados etnobiológicos foi realizado com os moradores da comunidade Mata Cavalo de Baixo. O tratamento metodológico se deu através do Pré-teste aplicado no dia da reunião da Associação, que ocorre no primeiro domingo de cada mês, na escola da comunidade. No decorrer foi aplicada a entrevista semiestruturada (MINAYO, 1994), contendo perguntas relacionadas ao perfil socioeconômico dos entrevistados, à diversidade das plantas usadas, formas de usos, parte da planta usada, registro fotográfico, turnê guiada, diário de campo e exsicatas da flora local. Também foi utilizado o Termo de Anuência Prévia (TAP) para registrar a participação dos moradores da comunidade de livre e espontânea vontade, bem como a permissão de registro fotográfico dos participantes e da área em estudo, através da assinatura individual de cada depoente.

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 2014).

Para o tratamento quantitativo foi aplicado o Nível de Fidelidade que revela o grau de consenso dos informantes quanto ao uso de cada planta para as diferentes

etnocategorias relatadas pelos depoentes (AMOROZO e GELY, 1988; VENDRUSCOLO e MENTZ, 2010; PASA, 2011; 2012; 2013; 2014 e 2015).

- a) Porcentagem de concordância quanto aos usos principais: o cálculo incide na razão entre o número de informantes que indicaram o uso de uma espécie para uma finalidade maior (*Fid*) pelo número total de informantes que citaram a planta para algum uso (*Fsp*), multiplicado por 100.

$$NF = \frac{Fid}{Fsp} \times 100$$

- b) A utilização do Fator de Correção (*FC*) é necessária pela diferença no número de informantes que citaram usos para cada espécie, sendo $FC = Fsp/ICEMC$. Sendo *Fsp* o número total de informantes que citaram usos para a espécie e *ICEMC* o número de citações da espécie mais frequente.

$$FC = \frac{Fsp}{ICEMC}$$

- c) Extração de valores de importância relativos à espécie mais citada pelos entrevistados: $Pcusp = NF \times FC$, onde *Pcusp* é o índice de concordância de uso corrigido, *NF* é o índice de concordância de uso, *FC* é o fator de correção para cada espécie.

$$Pcusp = NF \times FC$$

O trabalho foi realizado nos meses de abril, maio e junho de 2015 e com frequência semanal. Como a área dos quilombolas é muito extensa foi escolhida a Comunidade Mata Cavalo de Baixo, por estar localizada mais próxima de Nossa Senhora do Livramento e da rodovia BR-060, que liga à Poconé. Assim, facilitando o acesso ao local de estudo, com um total de 20 informantes de ambos os sexos e com idade variando de 39 a 110 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Baixada Cuiabana, cenário da economia mineradora nos séculos XVIII e XIX é também o local de origem dos descendentes de escravos da comunidade de Mata Cavalo, situada no Município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso. A comunidade negra rural denominada Mata Cavalo possui raízes históricas no período da exploração do ouro nas lavras da região. No entanto, apesar de fazer parte de um longo processo histórico, permaneceu no anonimato assim como tantas outras comunidades rurais da região. Mas em virtude dos conflitos enfrentados pela invasão de suas terras, ganhou visibilidade. Sua história é marcada pela luta em favor da construção de sua emancipação política e em defesa de seu território (SANTOS, 2007).

De acordo com Reis, a palavra quilombo tem sua origem no idioma africano quimbundo. “Derivaria de kilombo, sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu adotada pelos invasores jaga ou imbangala, estes formados por gente de grupos étnicos desenraizada de suas comunidades”. (1996, p.16). Para a legislação colonial o quilombo, tinha a seguinte definição: “[...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, sem ranchos levantados nem pilões neles” (MUNANGA, 2004).

Na comunidade foram entrevistados 20 moradores sendo a maioria do sexo feminino. Este fato se justifica pela disponibilidade das mulheres em prestar as informações porque estão em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos ou netos. As mulheres que são casadas assumem a lida do dia-a-dia da casa e o marido sai para trabalhar fora de casa. As mulheres que estão divorciadas moram sozinhas ou com filhos e netos e assumem todas as despesas da casa com cultivos alimentares, artesanatos e adornos feitos com as plantas locais.

A maioria dos depoentes é de origem local e que através da história oral relatam as dificuldades que encontram para sobreviver, pois não possuem renda fixa de trabalhos na comunidade ou nas cidades próximas.

Cerca de 90% das pessoas vive da aposentadoria. Eles relatam também a história de luta e os maus tratos que recebiam seus ancestrais por serem de descendência de escravos.

Quanto à escolaridade, a maioria não possui alfabetização, pois relatam que não puderam estudar porque tinham que trabalhar desde pequenos com as atividades de cozinhar em casa e também com cultivos alimentares para o sustento da família. Outro fator que impediu de estudar foi pela distância de suas residências às escolas. A maioria dos moradores possui o Ensino Fundamental incompleto e o restante dos depoentes trabalham na Escola, alguns com nível superior.

A idade dos informantes variou de 39 até 110 anos e apresenta um intervalo de classe entre 50 e 90 anos com alta frequência relativa, que pode explicar porque as comunidades locais são tradicionais, conforme Decreto abaixo:

A “Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais”, em seu decreto N.º. 6040, de 7 de fevereiro de 2007, define comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Muitos Órgãos governamentais, porém, consideram comunidades tradicionais populações vivendo há pelo menos duas gerações em um determinado ecossistema, em íntima relação com o entorno natural, e que dependem dos recursos naturais à sua reprodução sociocultural e econômica, por meio de atividades de baixo impacto ambiental.

Percebe-se que no primeiro conceito, a ênfase recai sobre a diferenciação cultural da comunidade em relação à cultura social dominante, ao passo que, no segundo caso, recai sobre o modo de vida sustentável da comunidade.

Conforme os relatos de vida, as mulheres da referida comunidade têm uma história relevante de lutas e conquistas ao longo da existência do grupo, através de estratégias diversas. Entre as gerações anteriores as mulheres exerceram papéis importantes na vida social da comunidade. Ali existiam parteiras, raizeiras, rezadeiras e tecelãs, além de desenvolverem trabalhos domésticos e de plantios diversos para a subsistência da família, segundo os relatos dos moradores locais:

“Eu gosto das plantas... gosto de fazer chá pra curá as doença... a planta serve prá muita coisa... até artesanato nós faz...”

“Como eu planto? Varia muito da agricultura, tem que ter uma lua certa, pra está pronta pra colhê na época certa, senão pode perde. Aprendi a plantá com meus pais”.

“Eu capino e deixo ali mesmo... e já fertiliza o solo... é bem natural”.

“Plantamos um pouco e depois deixo a terra parada... depois plantamos de novo. As banana eu plantava ali... as folha começaram a secar e não dava mais banana. Agora planto as banana na roça lá no fundo... remanejamo daqui”.

“O quintal é importante pra mim... esse estilo de vida... bem estar, ter as fruta, desfrutá delas. É um ambiente muito saudável”.

“No quintal nós arma a rede, reúne a cada quinzena pra fazê o culto de adoração... faz almoço pra família...”.

“Gosto de ter uma reserva de árvore no fundo... já temos pouco. É bom pros passarinho, pra gente andá embaixo delas. Elas aumentam a umidade do ar e da terra também... tem que deixa uma reserva dessas árvore”.

Nas últimas décadas, além dos papéis tradicionais, entre as novas gerações encontram-se professoras, secretárias e estudantes que seguem as lideranças políticas. As reflexões teóricas que tratam acerca do assunto são apresentadas junto às narrativas das mulheres depoentes.

O estudo realizado na comunidade Mata Cavallo de Baixo, em área do cerrado mato-grossense revela dados importantes onde os recursos naturais ainda persistem e que permitem que os moradores locais mantenham a interação com o ambiente, através do seu cotidiano. As atividades do cotidiano desses moradores permitem as possibilidades de usos do potencial econômico local, que privilegiam a utilização das plantas nas diversas etnocategorias de usos como: medicinais, alimentares, aromáticas, ornamentais, místico-religiosas, etc, conforme Figura 2.



Figura 2. As pessoas e as plantas. Comunidade Mata Cavallo. Mato Grosso. 2015. Fonte: Autores.

Através da turnê guiada pelos espaços abertos e fechados do cerrado que circunda as residências locais foi possível visualizar e coletar amostras botânicas para o preparo das

exsicatas, bem como o registro fotográfico das plantas usadas para alguma finalidade, conforme Tabela1.

Tabela 1. Plantas utilizadas na Comunidade Quilombola Mata Cavalu. Baixada Cuiabana. MT. 2015.

Família	Nome científico	Nome popular	Etnocategoria de uso	Indicação terapêutica	Fsp	Fid	NF	FC	%Pcusp(%)
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	M	Dor, bronquite, afta, azia, gripe	12	10	85	0,6	51
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Kunth	Chapéu-de-couro	M	Cálculo renal	15	11	75	0,75	57
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria, mastruz	M	Vermífugo	15	11	75	0,75	57
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	M	Antibiótico, antiinflamatório	10	8	80	0,5	40
Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	A		17	12	70	0,85	60
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	M	Antibiótico, cicatrizante, osteoporose	16	10	63	0,8	51
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	A, M	Antiinflamatório, anti-diarréico, diurético	20	17	85	1,0	85
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	A		20	15	75	1,0	75
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçaleiro	C, M	Antiinflamatório, para os rins	12	9	75	0,6	45
Annonaceae	<i>Annona acutiflora</i> Mart.	Guiné	M	Inflamação, dor no estômago	18	16	89	0,9	80
	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata	A, M	Depurativo do sangue	16	8	50	0,8	40
Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	A		8	6	75	0,4	30
Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode	Mt	Proteção pessoal	18	16	89	0,9	80
	<i>Alocasia</i> sp.	Inhame	A, M	Fortalece a imunidade	12	7	58	0,6	35
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng	Acuri	A		15	10	67	0,75	51
	<i>Attalea vitrivir</i> Zona	Babaçu	A, At, C		16	15	94	0,8	75
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gariroba	A		12	6	50	0,6	30
	<i>Mimosa hostilis</i> (C.Mart.) Benth.	Jurema	Mt, O	Proteção pessoal	16	13	82	0,8	66
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	Mt, O	Proteção pessoal	18	14	78	0,9	70
Asteraceae	<i>Porophyllum ruderale</i> Jacq.	Arnica	M	Antiinflamatório, cicatrizante	12	10	83	0,6	50
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	A		5	3	60	0,2	12
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	M	Calmanete, antiinflamatória, digestiva	15	12	80	0,75	60
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	M	Gripe, tosse	15	12	80	0,75	60
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	M	Ânsia de vômito, dor no estômago	6	3	50	0,3	15
	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe	M, Mt	Gripe, tosse	12	10	83	0,6	50

	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Caferana	M	Inflamação em geral	8	6	75 0,4	30
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. e Hook. F. ex S. Moore	Paratudo	M	Anemia	11	9	82 0,55	45
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	M	Queimadura, infecção	12	9	75 0,6	45
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	A, M	Problemas no estômago	6	3	50 0,3	15
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	A		14	10	72 0,7	51
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (aubl.) Marchand	Amescla	M		10	7	70 0,5	35
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Pequi	A, M	Bronquite, gripe, resfriado, antitumoral	18	15	84 0,9	76
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	A		20	20	100 1,0	100
Celastraceae	<i>Maytenus aquifolium</i> Mart.	Espinheira-santa	M	Tosse	12	10	82 0,6	50
Commeliaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-de-penca	O		6	4	65 0,3	20
Convulvolaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	A		10	8	80 0,5	40
Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Caninha-do-brejo	M	Infecção urinária, irritação nos olhos	10	7	70 0,5	35
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Fortuna	Mt	Proteção pessoal	6	4	65 0,3	20
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita moschata</i> Dusch	Abóbora	A		8	5	63 0,4	25
	<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	A		6	3	50 0,3	15
	<i>Momordia charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	M	Dengue	12	9	75 0,6	45
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	M	Limpa o sangue	10	8	80 0,5	40
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	A, M	Problemas cardíacos	8	6	75 0,4	30
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	M	Laxante	8	6	75 0,4	30
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	A		20	20	100 1,0	100
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	M	Inflamação em geral	5	3	60 0,25	15
	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul	Coroa-de-cristo	M	Cicatrizante, calmante	8	4	50 0,4	20
	<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	Cansanção	M	Fortalece o corpo	9	6	65 0,45	30
	<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangra d'água	M	Anemia	8	6	75 0,4	30
Fabaceae	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.	Angelim	M	Febrífugo, laxante, purgativo	9	5	55 0,45	34
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> Mart.	Barbatimão	M	Inflamação, infecção	12	10	85 0,6	51
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	M	Inflamações, problemas de pele	8	6	75 0,4	30

	<i>Vicia faba</i> L.	Fava	M	Diurético, reumatismo, problemas do fígado, pele	8	5	60 0,4	25
	<i>Senna occidentalis</i> L.	Fedegoso	M	Diurético, laxante, anti-inflamatório	14	11	80 0,7	56
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá	M	Anti-inflamatório, antifúngico, estimulante, laxante	12	10	83 0,6	50
	<i>Bauhinia forficata</i> L.	Pata-de-vaca	M	Bexiga, rins, diabetes, hipertensão arterial	13	9	70 0,65	45
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	A, M	Laxante, abortivo	11	6	55 0,55	30
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell) Morong	Timbó	M	Inflamação em geral	6	3	50 0,3	15
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão-andu	A, M	Anemia	6	3	50 0,3	15
	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	A, At, M, C	Cicatrizante	18	15	85 0,9	77
	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Tripa-de-galinha	M	Umbigo inflamado	6	3	50 0,3	15
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser	Hortênsia	O		7	5	70 0,35	25
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	M, Mt	Calmanete, angústia, mau-estar, mau olhado	14	12	85 0,7	60
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	M	Problemas do estômago, fígado	20	20	100 1,0	100
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira, Melissa	M	Calmanete, cólica, gripe, pressão alta	18	16	90 0,9	81
	<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã	M	Problemas do estômago e intestino	10	5	50 0,5	25
	<i>Mentha X piperita</i> L.	Hortelã pienta	M	Analgésica, digestiva, calmanete e anti-inflamatória	4	2	50 0,2	10
	<i>Ocimum canum</i> Sims.	Manjerição	M	Calmanete, bronquite	11	8	75 0,55	41
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	M	Resfriado, tosse, bronquite, dor de barriga	16	14	90 0,8	72
	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit	Tapera velha	M	Dor de barriga, infecção, pós-parto, estômago	10	7	70 0,5	35
	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	M	Remédio	10	5	50 0,5	25
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	C, M	Remédio	10	5	50 0,5	25
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	A, M	Gripe, resfriado	12	10	80 0,6	48
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	M	Vermífugo, anemia	15	12	80 0,75	60
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> (Saint-Hilaire)	Mangava	M	Úlcera, gastrite, dor no estômago e outras dores	12	10	80 0,6	50
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	M	Dor de garganta, cicatrizante	11	9	80 0,55	45
Malpighiaceae	<i>Heteropteris aphrodisiaca</i> O. Mach.	Nó-de-cachorro	M, Mt	Estimulante, afrodisíaco, depurador do sangue	14	10	70 0,7	50

	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A, M	Gripe e resfriado	16	12	75 0,8	60
Malvaceae	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	M	Disenteria, tosse	14	11	80 0,7	56
	<i>Abelmoschus esculentus</i> L. Moench	Quiabo	A, M	Colesterol, queimadura, diabetes	10	5	50 0,5	25
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	M	Inflamações em geral	12	8	65 0,6	40
	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Douradinha	M	Problemas nos rins e no fígado	18	15	85 0,9	77
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico magro	M	Emagrecer	12	10	85 0,6	51
	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) K. Schum.	Cupuaçu	A, M	Fraqueza	8	4	50 0,4	20
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	M	Limpa o sangue	6	3	50 0,3	15
Myrtaceae	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaíta	M	Laxante	6	3	50 0,3	15
	<i>Syzygium aromaticum</i> L.	Cravo	M	Antibacteriana, antifúngica, antiinflamatória	5	3	60 0,25	15
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	M	Doenças respiratórias	8	4	50 0,4	20
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	M	Antidesintérica, calmante, febrífuga, vermífuga	4	2	50 0,2	10
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	A, M	Diarreia, dor de barriga	16	14	90 0,8	72
	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jamelão	A, M	Diabete	6	3	50 0,3	15
	<i>Plinia cauliflora</i> (DC.) Kausel	Jabuticaba	A		6	3	50 0,3	15
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i> Mol.	Boldo-do-chile	M	Estômago	11	9	85 0,55	47
Musaceae	<i>Musa parasidiaca</i> L.	Banana	A		20	18	90 1,0	90
	<i>Musa sp.</i>	Banana-terra	A		6	2	35 0,3	11
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia hirsuta</i> Wild	Amarra-pinto	M	Inflamação da bexiga, problemas do fígado	6	3	50 0,3	15
Orchidaceae	<i>Orchis sp.</i>	Orquídea	O		12	9	75 0,6	45
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	A, M	Calmante	10	8	80 0,5	40
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	M	Infecção urinária, cálculo renal	12	11	90 0,6	55
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	M	Dor no corpo, problemas na pele, machucadura, quebra-dura	12	9	75 0,6	45
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> DC. Stapf	Capim-cidreira	M	Calmante, relaxante	18	15	85 0,9	77
	<i>Holcus mollis</i> L.	Erva molar	M	Problema nos rins	10	7	70 0,5	35
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	A, At		12	8	65 0,6	39

	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	A		18	18	100	0,9	90
Polygonaceae	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Erva-de-bicho	M	Hemorróida	12	10	85	0,6	51
Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Rabo-de-macaco	M	Problema nos rins	6	3	50	0,3	15
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A, M	Inflamação de garganta	12	9	75	0,6	45
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	M	Anticancerígeno	6	3	50	0,3	15
Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. F. ex K. Schum	Mulateira	M	Inflamação no corpo	8	4	50	0,4	20
	<i>Palicourea</i> sp.	Douradão	M	Problemas nos rins e no fígado	14	11	80	0,7	56
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	M, Mt	Dor no corpo, mau olhado, conjuntivite, cólica	17	15	90	0,85	77
	<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranja	A, M	Tosse, gripe, calmante e laxante	18	18	100	1,0	100
	<i>Citrus limon</i> L.	Limão	M	Tosse, gripe	20	20	100	1,0	100
	<i>Citrus x aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima	A, M	Resfriado	16	14	80	0,8	65
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	M	Dor no corpo	15	12	80	0,75	60
Solanaceae	<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	A, M	Gastrite, diurético, colesterol	8	3	40	0,4	16
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	M, O	Colesterol, analgésico, anti-inflamatório	14	11	80	0,7	56
	<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	A		8	3	40	0,4	16
	<i>Nicotina tabacum</i> L.	Fumo	M, O	Calmante	4	2	50	0,2	10
Sterculiaceae	<i>Byttneria melastomifolia</i> St. Hil.	Raiz-de-bugre	M	Limpa o sangue	11	8	75	0,55	41
Urticaceae	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Embaúba	M	Diabete, emagrecer	14	11	80	0,7	56
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão	M	Infecção, estômago, pós-parto	10	5	50	0,5	25
	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo-de-ouro	O		6	3	50	0,3	15
Vitaceae	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	M	Diabete	6	3	50	0,3	15
Vochysiaceae	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvão-vermelho	C, M	Fraqueza em geral	6	3	50	0,3	15
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm f.	Babosa	M, Mt	Tosse, afta, couro cabeludo, queimadura	15	13	85	0,75	65
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R.M.	Colônia	M	Problemas no coração e calmante	9	6 65	0,45		29

Legenda: Etnocategoria de uso: A = Alimentar; At = Artesanato; C = Construção M = Medicinal; Mt = Místico-religioso; O = Ornamental

No total foram registradas 127 plantas usadas pelos moradores locais e que estão distribuídas em 60 famílias botânicas. As famílias que alcançaram maiores representatividades foram Fabaceae (22%), Lamiaceae (17%), Asteraceae, Euphorbiaceae, Malvaceae e Myrtaceae com 11% cada uma.

A etnocategoria medicinal alcançou 80% das espécies que são usadas para alguma finalidade maior e em média, com três citações, para a cura de alguma doença. A espécie medicinal *Plectranthus barbatus* Andr. obteve o consenso informante de 100%, que significa que esta planta é usada por todos os depoentes locais. A utilização é feita através do uso da folha e na forma de chá.

As doenças mais frequentes tratadas com as plantas medicinais locais estão classificadas conforme OMS (2000) para os Sistemas Circulatório, Respiratório, Urinário, Digestivo e Místico. As afecções mais comuns são pressão alta, depurativo do sangue, gripe, tosse, pedra nos rins, infecção urinária, diurético, má digestão, dor de estômago, gastrite, mau olhado, dor no corpo, olho grande, fraqueza, inveja etc.

A etnocategoria alimentar obteve uma frequência relativa de 20%, sendo as espécies *Manihot esculenta* Crantz, *Carica papaya* L., *Citrus limon* L. e *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle as que obtiveram um consenso informante de 100%, ou seja em todas as residências existe o cultivo e o uso destas plantas pelos informantes locais. As espécies *Musa parasidiaca* L. e *Saccharum officinarum* L. também são largamente utilizadas pelos comunitários que expressam um consenso informante de 90%. Estas espécies possuem uma representatividade na agricultura de subsistência local, que compõe os cultivares distribuídos entre os remanescentes florestais do cerrado. Outras espécies como *Psidium guajava* L. (goiaba), *Malpighia glabra* L. (acerola), *Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith (tamarindo), *Citrus x aurantium* L. (laranja) entre outros, representam os frutos consumidos *in natura* e que servem também para complementar a dieta alimentar no cotidiano dos moradores locais e com alta expressividade quanto a nível de fidelidade na comunidade local.

As espécies místicas também revelam sua importância na vida das pessoas que moram na comunidade, como forma de proteção pessoal contra os males que acometem o corpo e a alma, através de banhos com uma só espécie ou com a junção de várias plantas e também através de benzimentos. Entre elas a *Annona acutiflora* Mart. (guiné), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Sansevieria trifasciata* Prain (espada-de-São-Jorge), *Ruta graveolens* L. (arruda), *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken (fortuna), *Vernonia ferruginea* Less (assa-peixe), *Dieffenbachia amoena* Bull. (comigo-ninguém-pode) e *Mimosa hostilis* (C.Mart.) Benth (jurema).

“Eu benzo pra curá as pessoa de arca caída, mau olhado, zipela, dor no estômago, quebrante... uso folha de fedegoso, guiné... até folha de mandioca. E pra arca caída uso também uma fita.” (D. P.M.O. 54 anos de idade. Mata Cavalo de Baixo MT. 2015)

Os banhos protetores, como também ao corpo inteiro podem estar relacionados a uma parte do corpo ou banhos para curar a pessoa de algum mal que lhe acomete. O simbolismo é expresso no conhecimento que a população detém sobre o uso popular de plantas com função protetora (PASA, 2007).

No nordeste brasileiro as plantas com funções protetoras são denominadas de “jurema”, que segundo Mota et al (2002):

“... *Jurema* é, portanto mais que uma planta, é representação, divindade que ocupam um papel destacado na flora nordestina pela referência mágico-religiosa... A *Jurema* penetrou na cultura popular estando associada à figura de índios, caboclos, negros e quilombolas, elementos presentes no imaginário popular...”

A etnocategoria ornamental foi evidente pelo embelezamento das residências com suas flores e folhas variegadas, que proporcionam um visual alegre e harmonioso ao ambiente. As mais frequentes são *Duranta erecta* L. (pingo-de-ouro), *Orchis* sp. (orquídea), *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser (hortênsia), *Callisia repens* (Jacq.) L. (dinheiro-de-penca), *Nicotina tabacum* L. (fumo) entre outras.

“Planto no quintal prá ficá bonito, prá conservá o meio ambiente... faço isso pela natureza” (D.E.C. 39 anos de idade. Mata Cavallo de Baixo. MT. 2015).

Algumas espécies são utilizadas para construção. Para os moradores é mais econômico o uso dessas plantas, pois o material pode ser encontrado nas proximidades. Nessa etnocategoria estão *Astronium fraxinifolium* Schott (gonçaleiro), *Attalea vitrivir* Zona (babaçu), *Dipteryx alata* Vogel (cumarú), *Cinnamomum zeylanicum* Blume (caneleira), *Callisthene fasciculata* Mart. (carvão-vermelho).

As espécies nativas locais podem ser remanescentes, espontâneas ou cultivadas cuja origem é o Cerrado, que são fundamentais para os membros da comunidade e para a preservação do material genético local.

As espécies introduzidas apresentam um percentual de origem exótica, sendo frutíferas e medicinais as mais frequentes na comunidade, dentre as principais espécies se encontram: ata (*Annona squamosa* L.), banana (*Musa paradisiaca* L.), manga (*Mangifera indica* L.), laranja (*Citrus sinensis* L. Osbeck.), noni (*Morinda citrifolia* L.), babosa (*Aloe vera* (L.) Burm f) entre outras. Estas espécies são cultivadas e seu tipo de manejo pode ser individual ou associada, neste caso geralmente associada com outras frutíferas. Entre as espécies introduzidas também se encontram as espécies nativas do Brasil que não são originárias da área como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), o mamão (*Carica papaya* L.) e o maracujá (*Passiflora edulis* Sims.).

Outro manejo executado pelos moradores locais é a produção do adubo natural, que consiste em recolherem as folhas caídas no chão e as depositarem em um buraco cavado na terra, depois cobrem e deixam deteriorar com o passar do tempo. Após algumas semanas retiram esta decomposição e espalham ao redor da área basal das plantas para ser captadas pelas raízes para fortalecer a mesma. Esta estratégia não gera custo algum para as pessoas da comunidade local, sendo simples, ecológico e funcional.

“Os resto de capina meu marido faz um monte na bera da cerca e deixa curti... pra apodrece... joga água e deixa lá. Depois põe na cova com a terra na hora de planta”. “A gente se reúne no quintal pra conversa, passa o dia, toma um cafezinho, conta lendas urbana e fala de fantasma”. “O quintal é ótimo pra andá, caminhá, plantá as planta... cultivá a natureza”. (Sra. M.G.L. 65 anos de idade. Mata Cavallo de baixo. MT. 2015).

O Cerrado mato-grossense conta com múltiplas opções de aproveitamento de seus recursos vegetais, sendo as populações locais os primeiros detentores desse conhecimento botânico e os encarregados de usar sustentavelmente tais recursos. Com isso, é indispensável proceder a novos estudos voltados para a identificação das plantas úteis do cerrado, principalmente quando comparada à diversidade e à área ocupada e aos conhecimentos tradicionais como comprovação científica, assim contribuindo à valorização tanto da cultura como as informações científicas de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível reconhecer que grande parte dos conhecimentos e usos empíricos das plantas locais visa o desenvolvimento de novos produtos medicinais ou até mesmo o descobrimento de novas espécies ou estratégias de manejos naturais visto que, muitas espécies conhecidas por populações remotas são desconhecidas pela Ciência. Outra tendência nos estudos desta comunidade quilombola é correlacionar os conhecimentos etnobotânicos e as atividades cotidianas frente à biodiversidade com sua conservação local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. From cnidarians to mammals: the use of animals as remedies in fishing communities in NE Brazil. *New York: Journal of Ethnopharmacology*. 07: 259-276. 2006.

ALVES, R. R. N.; PEREIRA FILHO, G. A. Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. *New York: Biodiversity Conservation*. 16: 969-985. 2007.

AMOROZO, M. C. N; MING, L. C; SILVA, S. M. P. *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: Sociedade Brasileira de Etnobiologia, 2002.

BEGOSSI, A. Ecologia humana: Um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*. 18 (1): 121-132, 1993.

BERLIN, B. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in tradition societies*. Editorial Reviews, Nova Jersey, 335p. 1992.

CAMPOS, M. D. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Eds.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Ed. UNESP/CNPq, Rio Claro, p. 47-92. 2002.

COUTINHO, L. M. O conceito de Cerrado. *Revista Brasileira de Botânica*. v.1, p. 17-23. 1978.

CUNHA, M. C da. Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica. *Estudos avançados*. v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.

"Ethnobiology." Wikipedia, The Free Encyclopedia. 14 May 2009, 16:31 UTC. 17 May 2009<;http://en:Wikipedia.org/w/index.Ethnobiology&Ethnobiology&oldid=289906592>;

FELFILI, J. M.; RIBEIRO, J. F.; BORGES FILHO, H. C.; VALE, A. T. Potencial econômico da biodiversidade do Cerrado: estágio atual e possibilidades de manejo sustentável dos recursos da flora. In: AGUIAR, L. M. S.; CAMARGO, A. J. A. (Eds.). *Cerrado: ecologia e caracterização*. Brasília: EMBRAPA. 2004. p. 177-220.

GUARIM NETO, G; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; SILVA, C J.; PASA, M. C. Etnobiologia, etnoecologia e etnobotânica: as conexões entre o conhecimento humano e os ambientes em Mato Grosso, Brasil. p. 145-172. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. *Etnobiologia e Etnoecologia – pessoas & natureza na América Latina*. Recife: NUPEEA, 2010.

KOERDELL, M. M. Estudios etnobiológicos: Definición, reacciones y métodos de la etnobiología. *Revista Mexicana de Estudios Antropológicos*. 4(3): 195-202, 2002.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica. In: AMAROZO, M. C. M; MING, L. C & SILVA, S. M. P. (Eds). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Ed. UNESP/CNPq, Rio Claro, p. 31-46. 2002.

MEYHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola. 1996. 78p.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, ABRASCO. 1994.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. 2011. Cobertura Vegetal. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/pnia/Arquivos/Temas/Biodiversidade_e_florestas_BFL/2_Cobertura_vegetal/BFL_2_4/Texto_BFL_2_4.pdf>. Acesso em: 26 set. 2014.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. 2013. Biomas. Disponível em: www.mma.gov.br/biomas. Acesso em: 22.05.2015.

MOTA, C. N. & ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *As muitas faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. Recife: Bagaço. 2002. p.192.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10ª revisão. São Paulo:EdUSP, V.1. 2000. 1191p.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany*. v. 47, n. 1, p. 15-32, 1993a.

PASA, M. C.; DE DAVID, M.; MAMEDE, J. S. S.; SANCHEZ, D. C. M.; BATISTA, B. M. F.; DIAS, G. S. Abordagem Quali-quantitativa em Etnobotânica. p. 215-224. In: M.C. PASA (Org.). *Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade II*. Jundiá, Paco Editorial, 2013.

PASA, M. C.; DE DAVID, M.; SÁNCHEZ, D. C. M. *Copaifera langsdorffii* Desf: Aspectos Ecológicos e Silviculturais na Comunidade Santa Teresa. Cuiabá, MT, Brasil. *Biodiversidade*. v. 11, n. 1, p. 13-22, 2012.

PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cie. Hum.* Belém, v.6, n.1, p.179-196, jan-abr. 2011a.

PASA, M. C. Abordagem etnobotânica na comunidade de Conceição-Açu, Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*, n.31, p.169-197, México, 2011.

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT*. Ed. Entrelinhas, Cuiabá, MT. 176 p. 2007.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botânica Brasílica*. v.19, n.2, p. 195-207, 2005.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza*. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 572. 2010.